

BICHO DE SETE CABEÇAS: UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES CONSTRUTIVAS E DESTRUTIVAS NA PERSPECTIVA KLEINIANA

2018

Jones da Silva Gomes

Graduando em Psicologia – Formação de Psicólogo pelo
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Brasil
jns.gomes@usp.br

RESUMO

Este artigo objetiva analisar a concepção de relações construtivas e destrutivas presente na teoria de Melanie Klein. A partir dos conceitos de posição e ambivalência, recorreu-se a fragmentos do filme Bicho de Sete Cabeças para analisar as relações intersubjetivas presentes na contemporaneidade, bem como ampliar o entendimento do processo vincular de construção da identidade (por meio da interação psicossocial). Como material de trabalho, foram utilizadas obras de Melanie Klein, Sigmund Freud, Isabel Menzies e outros pesquisadores que pudessem coadjuvar na discussão pretendida.

Palavras-chave: Relações humanas, psicanálise, ambivalência, constituição psíquica.

Copyright © 2018.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



“Para cada bicho de sete cabeças, tem sete sem nenhuma”

(Paulo Leminski)

1. INTRODUÇÃO

Bicho de Sete Cabeças (2000) é uma obra cinematográfica brasileira inspirada em fatos reais vividos por Austregésilo Carrano Bueno¹. O longa-metragem conta a história de Neto, jovem que é internado num hospital psiquiátrico para tratamento de drogadicção, após um cigarro de maconha ter sido encontrado por seu pai, em seu domicílio. Na instituição hospitalar, Neto é submetido à administração de medicamentos e procedimentos terapêuticos extremamente desumanos, o que faz com que, na medida em que sofre, o jovem experiencie certa desintegração e ódio pelo ente familiar que o internou.

Dentre outros elementos, o filme nos apresenta os vínculos fundados entre Neto e sua família, bem como aqueles estabelecidos entre o paciente e a instituição de saúde mental. Tais aspectos nos permitem correlacionar o material cinematográfico com teorias psicanalíticas que sublinham questões acerca das relações intersubjetivas presentes na contemporaneidade.

Nessa perspectiva, a partir da psicanálise de orientação kleiniana, este artigo objetiva analisar aspectos centrais do filme que possibilitem a ampliação do entendimento do processo vincular de construção da identidade (por meio da interação psicossocial) como condição necessária para compreender as relações humanas em suas manifestações construtivas ou destrutivas. Entretanto, não se pretende esgotar aqui as possibilidades de análise e exploração dos conceitos elencados, mas estimular a pesquisa e a reflexão, pelo viés da sétima arte², ampliando a compreensão das relações interpessoais por intermédio da teoria de Melanie Klein.

Importa aclarar também que este trabalho, quando da análise que propõe discorrer, não se apoiará na concepção e investigação de comportamentos sociais adequados ou inadequados, presentes no filme. Todavia, o eixo norteador será sustentado tão somente pela análise das relações

¹ Escritor brasileiro e integrante do Movimento da Luta Antimanicomial. Em 2003, foi homenageado pelo Ministério da Saúde e pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, por sua luta e engajamento na construção da Rede Nacional de Trabalhos Substitutivos aos Hospitais Psiquiátricos no Brasil. Faleceu com 51 anos, em 27/05/2008.

² Em 1912, Ricciotto Canudo, intelectual italiano, postulou no Manifesto das Sete Artes e Estética da Sétima Arte que o cinema seria conceituado como a sétima arte, ampliando a lista precedente de Hegel. Desde então, o conceito passou a ser utilizado em todo o mundo.

humanas, no que tange às manifestações construtivas e destrutivas pelo prisma da teoria psicanalítica adotada.

2. POSIÇÃO E AMBIVALÊNCIA NA PSICANÁLISE DE MELANIE KLEIN

O vocábulo psicanálise tem sido empregado para se referir a um amplo campo de investigação teórica da psique humana, um método de análise e um exercício profissional terapêutico. Nesse contexto, no mundo contemporâneo a teoria psicanalítica tem se tornado uma relevante ferramenta para estudos e compreensão de fenômenos sociais expressivos como as correntes formas de sofrimento psíquico, o individualismo, o excesso de violência e outros inúmeros aspectos conexos ao estabelecimento das relações humanas.

Desde a sua criação³, por Sigmund Freud, a psicanálise foi se aprimorando na busca da descrição das etiologias dos transtornos mentais, do desenvolvimento dos seres humanos e da dinâmica dos processos mentais, revelando à sociedade que a maior parte da vida psíquica se desenrola sem que tenhamos acesso a ela. Com o avançar das décadas, alguns discípulos de Freud e outros cientistas que refutaram a sua teoria, foram aprimorando os inúmeros elementos do edifício teórico da psicanálise freudiana, fazendo uma releitura daquilo que o neurologista austríaco havia preceituado e/ou trazendo novas conceituações que contrapunham a sua teoria.

Nesse enquadramento, Freud (1924/2017) aponta que uma diferença elementar entre a segunda década da psicanálise e a primeira foi que ele já não era mais o seu único defensor. Um círculo crescente de alunos e admiradores uniram-se a ele, e o trabalho desses discípulos compreendeu primeiramente na difusão das teorias da psicanálise, para depois lhes dar prosseguimento, completá-las e aprofundá-las. Ao longo dos anos, vários deles – como era inevitável – se distanciaram, seguiram seus próprios caminhos ou se tornaram uma oposição que parecia ameaçar a continuidade do avanço da psicanálise. Entre 1911 e 1913 foram C. G. Jung, em Zurique, e Alfred Adler, em Viena, que, com suas tentativas de reinterpretação dos conceitos freudianos e seus empenhos em desviar-se dos pontos de vista da psicanálise, produziram alguma comoção; mas logo se verificou que estas separações não produziram dano duradouro. Apesar disso, a grande maioria dos colaboradores permaneceu firme e deu continuidade ao seu trabalho.

No decurso de mais de um século de psicanálise, cabe ressaltar que as contribuições teóricas de Klein, Bion e Winnicott, por exemplo, evidenciaram a determinante importância dos estados primitivos da mente na promoção do desenvolvimento emocional e os benefícios da ampliação da

³ Pode-se dizer que a psicanálise surgiu no século XX, com a publicação de *A interpretação dos Sonhos*, em 1900, que apontou no mundo como uma concepção extremamente inédita sobre o que se propunha estudar. No entanto, teve seu princípio em ideias antigas e suposições antecedentes, as quais Sigmund Freud havia elaborado.

capacidade de pensar incluindo os sentimentos. Assim, o início da vida é grifado por intensidades pulsionais, angústias e desamparo. Mas estão ali, também, as sementes das experiências de amor, acolhimento, dependência, e a possibilidade de experimentar as dores na presença de um outro que invista libido generosamente, criando uma relação vitalizada e contínua, o que é essencial para o desenvolvimento emocional. Na ocasião em que esse processo não é estabelecido, podem ocorrer prejuízos de variadas proporções na vida do indivíduo (Albuquerque, 2010).

Melanie Klein, psicanalista nascida na Áustria, principiou seus estudos por meio do incentivo de seu analista, Karl Abraham, um respeitável seguidor de Sigmund Freud. Apoiando sua teoria nas relações objetais, Klein pode ser denominada a principal representante da segunda geração psicanalítica mundial (Roudinesco & Plon, 1998), uma vez que metamorfoseou o freudismo clássico, concebendo uma inédita forma de análise, quer seja a análise de crianças.

A psicanalista enfatizou sua clínica na análise infantil a qual, de acordo com a autora, tem a mesma função da análise de adultos: a interpretação de fantasias inconscientes (Benvenuto, 2001). Para tanto, a fantasia kleiniana deve ser compreendida como a representante do instinto, inata na vida do sujeito, cuja matriz está na percepção sensorial, determinante da atitude da criança em relação a seus objetos (Klein, 1963). Nesse sentido, é fundamental destacar que Melanie Klein organizou toda a sua teoria a respeito das fantasias com ponto de enfoque na dimensão imaginária.

De acordo com Oliveira (2007), a teorização kleiniana aponta para diversas funções da fantasia, sempre baseada nas relações objetais, como: proteger o objeto bom e mantê-lo distinto do mau; manter um refúgio para a dura realidade imposta pelo mundo externo, preservando os objetos bons dentro do "eu"; e não obstante, contribuir para a formação da personalidade, na medida em que é responsável pela formação do ego e do superego, através dos mecanismos introjetivos e projetivos.

Além disso, a psicanálise kleiniana também apresenta um conceito inédito e de extrema relevância para a compreensão de seu pensamento teórico, quer seja a ideia de posição. Este conceito remete à forma de como se constitui a subjetividade do bebê, sendo que, para Klein, existem duas formas de constituição da subjetividade ou duas posições, que ocorrem de forma processual. Tais posições são denominadas pela psicanalista como posição esquizoparanóide e posição depressiva (Guimarães, 2010).

O conceito das posições diz respeito, como elencam Greenberg e Mitchell (1994), a uma recomposição da teoria das fases psicosexuais de Freud, haja vista que, para Klein, as fases freudianas se sobrepõem e se mesclam umas às outras.

Marchioli & Fulgencio (2013) apontam que as posições, na psicanálise kleiniana, correspondem a modos de funcionamento das relações com os objetos e os mecanismos de defesa a eles associados, sendo que na posição esquizoparanoide “o amor e o ódio, bem como os aspectos

bons e maus do seio, são mantidos amplamente separados um do outro” (KLEIN, 1952/1991, p.71-72), e na posição depressiva são unificados, pois “a ansiedade depressiva é intensificada (...) o bebê sente que destruiu ou está destruindo um objeto inteiro com sua voracidade e agressão incontroláveis (...) sente que esses impulsos destrutivos são dirigidos contra uma pessoa amada” (KLEIN, 1952/1991, p.73).

Essas posições continuam presentes pelo resto da vida, alternando-se em função do contexto, embora a posição depressiva predomine num desenvolvimento saudável (Simon, 1986). Ou seja, podemos compreender as posições como princípios que dizem respeito às organizações psíquicas que geram formas de ser e experienciar o mundo.

Para Melanie Klein, há uma constante oscilação (dinâmica) entre as duas posições, decorrendo sempre da capacidade do ego de suportar as angústias derivadas dos aspectos ambivalentes da experiência. Nesse contexto, é oportuno apontar que a palavra ambivalência possui uma ampla conotação na psicanálise. Contudo, utilizar-se-á neste estudo a explanação de Laplanche & Pontalis (2016) que definem o termo como a presença concomitante, na relação com um mesmo objeto, de tendências, de atitudes e de sentimentos contrários, fundamentalmente o amor e o ódio.

Klein compreende que a ambivalência se faz presente em todas as relações (inclusive na relação mãe-bebê) e sua importância conecta-se ao favorecimento da constituição do ser humano como tal. Para a psicanalista, através da ambivalência surge o sentimento de culpa e a posterior necessidade de reparação, mecanismos essenciais nas relações humanas. Assim, nossas vidas serão marcadas pela alternância das posições esquizoparanóide e depressiva. Todavia, é importante sublinhar que embora os objetos amados e odiados mudem de nome ao longo da vida, os processos de aniquilamento e de recomposição dependerão do meio como cada um de nós aprendeu a lidar (sobretudo por meio das nossas experiências infantis) com essas variações psíquicas.

A teoria de Melanie Klein é consideravelmente ampla e complexa, não havendo aqui a pretensão de esgotar todas as concepções apresentadas pela psicanalista. Entretanto, uma breve retomada dos conceitos previamente expostos se faz necessária para a compreensão e sustentação da análise proposta neste trabalho.

3. BICHO DE SETE CABEÇAS

O filme *Bicho de Sete Cabeças* apresenta a vida de Neto, um típico adolescente da periferia paulistana, que rateia o seu tempo entre as salas de aula e os frequentes encontros com amigos para

fumar maconha e pichar muros. Silenciado em seu lar, o personagem convive com a rigidez e intolerância do pai e com o constante comportamento acuado da mãe.

Logo nas primeiras cenas, a austeridade do pai se apresenta quando Neto comunica que viajará para a praia com os amigos. De maneira rígida em seu discurso, o pai tenta intervir na viagem argumentando que o filho não possui dinheiro para realizá-la. Sua bravura se expande quando ele vê um *piercing* na orelha de Neto e questiona se ele está usando “coisas de veado”. Neto sai de casa irritado e, presente na cena, a mãe permanece sem ação.

De acordo com os preceitos da psicanálise kleiniana, essa cena permite compreender a postura de Sr. Wilson, o pai, num comportamento imbuído na posição esquizoparanoide. Sua agressividade, bem como a realização de ataques verbais ao filho, possibilita conectar sua conduta a relevantes características dessa posição: a barragem do autoconhecimento, a incapacidade de reconhecimento do bem e do mal e o direcionamento da força oriunda dos impulsos destrutivos para o exterior.

Ademais, a posição esquizoparanoide é marcada por um modo primitivo de interação. Nela, há a experiência emocional da impregnação pelo objeto bom ou pelo mau, ou seja, quando há relação com um objeto a partir dessa posição, o objeto lhe parece plenamente bom ou plenamente mau. Dessa forma, o mecanismo de funcionamento dessa posição é a cisão ou a clivagem, onde o objeto é dividido em sua faceta boa ou má. Sem embargo, a relação do sujeito com os objetos está marcada pela sensação de controle onipotente, onde ele destrói, adora ou inveja, por exemplo, sempre de maneira a(l)tiva.

Ainda que o filme não apresente as experiências vividas pelo Sr. Wilson em sua infância e no decurso de sua vida, muitos comportamentos apresentados na obra inserem o pai na posição esquizoparanoide. Um segundo exemplo que ilustra essa questão pode ser percebido na cena em que o pai vai visitar o filho internado. Enraivecido pela insistência do filho em querer sair daquela situação, o pai resiste na certeza de que aquela é a melhor ação que ele pode tomar. Em meio a discussões, os ânimos só se acalmam depois que a mãe, dona Meire, aparentemente compadecida do sofrimento e do pedido de socorro de Neto, intervém dizendo “Pelo amor de Deus, chega de briga. Eu não aguento mais.”

Aqui, o posicionamento da mãe vem de encontro à posição do pai, pois seu comportamento se associa a uma aparente integração do ego, viabilizando analisar a relação sem que o outro seja destruído, bem como exibe defesas relativas à possível perda do objeto em decorrência dos ataques realizados na posição anterior, o que resulta, evidentemente, numa maior possibilidade de relações construtivas. Igualmente, quando Neto retorna à sua casa após experienciar tanto sofrimento, a cena sugere que ele esteja ouvindo vozes e o apresenta com certa perturbação, sozinho em seu

quarto. À vista disso, a mãe se aproxima ofertando-lhe acolhimento e sugerindo que o filho volte à escola ou que busque um trabalho, pois fará bem a ele. Ambos se abraçam e choram.

Nesse outro exemplo, novamente é possível perceber a mãe na posição depressiva, uma vez que seu ego encontra-se mais identificado com o outro (favorecendo a busca de novas possibilidades), sendo esta uma relevante característica da predita posição.

Por outro lado, do ponto de vista do personagem central da obra, é possível perceber com maior facilidade a alternância entre as posições. Quando o pai discute grosseiramente com Neto por conta de sua viagem e do *piercing* que o rapaz usa, ao invés de enfrentá-lo e dar continuidade à desavença, o rapaz prefere sair de casa, buscando nessa alternativa uma possibilidade de lidar com aquilo que o afeta. O mesmo ocorre na cena em que Neto está numa piscina com alguns amigos e um deles se sujeita a experiências homossexuais em troca de drogas. Ao ter seu corpo tocado por outro homem intencionalmente na piscina, Neto pega suas roupas e vai embora, extremamente incomodado e em desacordo com aquela situação. Essa capacidade de distinguir a necessidade de reação e não-reação ilustra bem o reconhecimento do personagem daquilo que é bom e mau naquele momento (não cisão), o apresentando, dessa forma, na posição depressiva.

A apresentação da alternância da posição depressiva para a esquizoparanoide pode ser identificada, com notoriedade, nas cenas em que Neto encontra-se internado. A violência dos enfermeiros, que usam todos os recursos do hospital psiquiátrico para subjugar os pacientes (como sedativos, camisa de força, solitária e eletrochoque) e as formas de invalidação e silenciamento dos discursos dos pacientes são elementos cruciais para a transição da posição. Nesse momento, com o ego muito pouco integrado, Neto passa a ter uma capacidade extremamente limitada de suportar a sua angústia, adentrando, assim, num processo de cisão do ego (mecanismo de funcionamento e defesa dessa posição).

Num outro exemplo, é possível citar a cena em que o personagem tenta atear fogo em todas as seringas e sedativos existentes no hospital. Diante de uma incapacidade de reconhecer o bem e o mal, a tentativa de destruição daquilo que lhe causa sofrimento explicita nitidamente a posição esquizoparanoide em que Neto se encontra.

Por fim, todas essas questões também podem ser relacionadas com o comportamento apresentado pelos enfermeiros no hospital. Sem desconsiderar a corrupção interna da instituição, a história e as experiências de cada sujeito, é possível hipotetizar que a dinâmica da enfermagem (com rotinas voltadas para assepsia, com a demarcação específica de cada função e com um acentuado distanciamento entre profissionais e pacientes) pode ter uma relação direta com a maneira que os profissionais têm de lidarem com suas angústias mais primitivas⁴. RODRIGUES (1991) nos coloca que "quanto à tarefa primária, o cuidado de doentes, sabemos o quanto ela é

⁴ Primitivas não no sentido de inferioridade, mas no sentido de poucos recursos internos.

intrinsecamente ansiogênica. O contato quotidiano com o sofrimento, com corpos mutilados, com a morte, mobiliza as ansiedades mais primárias do ser humano.” Para Menzies (1970) isso inibe os profissionais a entrarem efetivamente em contato com a totalidade de cada paciente e sua doença, e oferece alguma proteção contra a ansiedade que esse contato mobiliza.

4. CONSIDERAÇÕES

Os exemplos citados neste artigo são capazes de corroborar um substancial preceito de Klein (desde Freud) que afirma a não divisão entre pessoas boas ou más. Há, entretanto, uma dinâmica psíquica que explica o estabelecimento de relações construtivas ou destrutivas entre os seres humanos.

Sublinhe-se que, na perspectiva da psicanálise kleiniana, qualquer indivíduo passa normalmente por fases em que predominam uma posição ou outra. Nesse sentido, as relações construtivas e destrutivas podem ser constituídas em qualquer relação (desde a infância) sendo que, por esse caminho, ratifica-se que o comportamento dos adultos deve ser olhado através da compreensão do desenvolvimento emocional da mente humana.

Assim, a teorização kleiniana aponta para uma dinâmica psíquica que explica os comportamentos inerentes a todos os seres humanos (excluídos de um enquadre patológico) e a obra *Bicho de Sete Cabeças* surge como uma possibilidade narrativa que nos remete à reflexão desses conceitos. Nessa direção, ilustram-se aqui algumas considerações preliminares que marcam possibilidades de interseções entre duas áreas, com o intuito de se estabelecer uma associação entre os temas da teoria kleiniana e a montagem cinematográfica em epígrafe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Albuquerque, C. X. de (2010). Algumas reflexões sobre a psicanálise, ontem e hoje. In: *Revista Brasileira de Psicanálise* · Volume 44, n. 1, 21-25. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v44n1/a04.pdf>>. Acesso em: 07/05/2018.

Benvenuto, B. (2001). Era uma vez: o bebê na teoria lacaniana. In: B. Burgoyne; M. Sullivan (Orgs.), *Diálogos Klein–Lacan*. São Paulo: Via Lettera.

Freud, S. (1923/2017). Resumo da Psicanálise. In: Freud, S. *Obras completas: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*, Vol. 16, pp. 222-251. São Paulo: Companhia das Letras.

Greenberg, J. R.; Mitchell, S. A. (1994). *Relações objetais na teoria psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Guimarães, C. (2010). A construção subjetiva infantil segundo Melanie Klein. In: *PsicoSaber*. Disponível em: <<https://psicosaber.wordpress.com/2010/04/19/a-construcao-subjetiva-infantil-segundo-melanie-klein/>>. Acesso em: 08/05/2018.

Klein, M. (1963). *Our adult word and other essays*. London: Medical Books.

Klein, M. (1991). As origens da transferência. In: Klein, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Volume III das obras completas de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago.

Klein, M.; Riviere, J. (1937/1978). *L'amour et la haine*. Paris: Editions Payot.

Laplanche, J.; Pontalis, J. B. (2016). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Menzies, I. (1970). *O funcionamento das instituições como sistemas sociais de defesa contra a ansiedade*. São Paulo. Escola de Administração de Empresas da FGV. Mimeografado.

Oliveira, M. P. de (2007). Melanie Klein e as fantasias inconscientes. In: *Winnicott E-Prints*. Série 2, Volume 2, n. 2, 80-98. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/wep/v2n2/v2n2a05.pdf>>. Acesso em 07/05/2018.

RODRIGUES, A. M. (1991). *Poder e cultura nas organizações*. Revista Paulista de Enfermagem, v.10, n.1. pp.67-72.

Roudinesco, E.; Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Simon, R. (1986). *Introdução à psicanálise - Melanie Klein*. São Paulo: Epu.

